



# O edifício do GCS

## Razões para não usar borracha



Mário Duque (Arquitecto)  
hoje@macau.ctm.net

Sobre o edifício da antiga sede do Gabinete de Comunicação Social recai uma aptidão que parece óbvia.

Se Macau tem alguma expectativa de vir algum dia a ter um Clube do Correspondente Estrangeiro, à semelhança de outros congéneres, ocorre que deva ser um sítio central e não ocorre sítio mais óbvio do que ali.

Clubes de Correspondentes Estrangeiros, nomeadamente no modelo de Hong Kong ou de Phnom Pen, são lugares que tendencialmente geram tradição e grande dinâmica social e cultural pelo tipo de público que atrai.

É um tipo de actividade predominantemente

cosmopolita e naturalmente uma expectativa que se deseja no centro das cidades.

Além disso, foi exactamente com um alcance muito semelhante que o edifício foi inicialmente desenhado, para profissionais de comunicação, e teve os últimos pisos desenhados com residências para acomodar temporariamente jornalistas e repórteres.

Por volta de 1996 remodelou-se o espaço de Mezzanino exactamente com a finalidade de ponto de encontro para a imprensa.

Admite-se que existam “oportunidades de ouro para o Governo fazer algo pelo património e de carácter amplamente popular” mas que não seja à custa de ignorar o que é a vocação de um centro urbano e de aí deixar de assegurar funções nomeadamente de representação, que lhe um conferem sentido de elaboração e de relação cosmopolita.

Já a substituição do edifício, por as construções demasiado modernas não se enquadrarem com as tradicionais na zona, é uma ideia que é susceptível de causar alguma urticária intelectual.

Adalberto Tenreiro, in disciplina de Estudos Visuais, 2002, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Hong Kong, explica que “Ao apagar interrompe-se a continuidade do processo de concentração do desenho. As linhas do desenho não têm todas necessariamente uma conjugação perfeita em reporte ao objecto do desenho. Admite-se até que muitas das linhas, parecendo erradas, são antes linhas com marca da personalidade de quem interveio no momento de geração do desenho.”

“Não são, por isso, linhas propriamente erradas e na maior parte dos casos até são linhas em que o desenho se suportou no seu desenvolvimento.”

“Quando o desenho está terminado e é observado, a nossa visão tem a capacidade de seleccionar a relevância de cada linha e aquelas que resultam menos relevantes, escondem-se por si.”

“No caso do desenho de apresentação” (desenhos que geralmente são aqueles que são tornados mais acessíveis ao observador menos treinado), Adalberto Terreiro admite que “essas linhas possam ser apagadas uma vez o desenho concluído”.

Isto é claro, orientador, relevante e útil para a nossa relação visual com o mundo que nos rodeia.

Também se rejeita a ideia que o desenho da cidade possa caber na categoria de um desenho de apresentação, isto porque na cidade vivem as pessoas dessa cidade e não figurantes. Pessoas que contribuem de muitas maneiras para a geração desse desenho, que por sua vez também não têm todas a mesma conjugação com esse enquadramento.

E porque a cidade sequer é um desenho concluído, ocorre que a supressão dessas linhas só pode significar a supressão da marca da personalidade que interveio na geração da cidade.

Esta abordagem também não colide com a questão cultural e patrimonial cujo consenso global é antes que, no mesmo edifício histórico (admite-se também, na mesma cidade), é normal que tenham tido lugar intervenções de diversos períodos. Uma campanha de restauro deve estar atenta a isso, identificando e suportando-se no conhecimento dos intervenientes, das tecnologias e dos conceitos orientadores do desenho, presentes na construção.

Isso é diferente do entendimento purista do passado em matéria de restauro, em que os trabalhos adoptavam o estilo predominante do edifício, muitas vezes o estilo cuja ideologia os estados nesses momentos mais se identificavam, subtraindo as intervenções doutras épocas.

Além disso, a ideia de substituir edifícios que, por serem demasiado modernos, não se enquadram com as construções tradicionais, não está muito distante da ideia de rescrever a história nas partes que achamos que não são consistentes com o enquadramento que em determinado momento achamos que deva constar.

Esó não incorre nessa responsabilidade porque o alcance é meramente cosmético, serve só para a fotografia, não é uma ideologia, é antes um vício.

Da última vez que em Macau alguém achou que se “deveria fazer outra construção no local porque a actual traça de cariz mais moderno, não se enquadra com as construções neoclássicas circundantes”, foi nomeadamente no largo Senado e resultou assim:

